



**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO- GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL CÂMPUS DO PANTANAL- UFMS**

MAISA ALVES DA SILVA MARTINS

**MATERNIDADE NO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DE
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

CORUMBÁ-MS
2025

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO- GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL CÂMPUS DO PANTANAL- UFMS**

MAISA ALVES DA SILVA MARTINS

**MATERNIDADE NO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DE
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão, na modalidade monografia, apresentado ao Curso de Pedagogia do Campus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, sob orientação do Profa.Dra. Rosimara Silva Correia

**CORUMBÁ-MS
2025**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Rosimara Silva Corrêa, pela orientação e pelo grande apoio. Foi graças à sua orientação, ajuda e incentivo que me senti motivada a continuar.

Agradeço também à minha família e aos amigos mais próximos pelo enorme apoio emocional e por me encorajarem a não desistir e a alcançar meus objetivos. Agradeço ainda a Deus pela força, resiliência e determinação que tem me dado para não parar, pois, quando pensei em desistir, Ele me acolheu, quando acreditei que não havia saída, Ele me deu esperança.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa os desafios enfrentados por estudantes que são mães no Ensino Superior, investigando como conciliam a maternidade com a formação acadêmica e quais fatores dificultam ou favorecem sua permanência universitária. A pesquisa, de natureza qualitativa e fundamentada em revisão bibliográfica, utilizou a base SciELO como principal fonte de levantamento, identificando produções acadêmicas sobre maternidade e vida universitária publicadas entre 2014 e 2024. Observou-se que, embora a literatura sobre maternidade seja vasta, a maior parte dos estudos concentra-se na área da saúde, havendo escassez de pesquisas que abordem a graduação sob a perspectiva das estudantes que são mães. Os artigos selecionados revelam desafios como sobrecarga física e emocional, dificuldades financeiras, falta de apoio institucional, preconceito e risco de evasão. A análise evidencia ainda a relevância do apoio social, das redes familiares e de políticas institucionais, como creches universitárias, flexibilização de horários e auxílios estudantis, para promover a permanência dessas mulheres. Conclui-se que as estudantes que são mães demonstram resiliência e determinação, mas suas trajetórias seguem condicionadas a muitas desigualdades, indicando a urgência de políticas educacionais inclusivas e sensíveis às demandas do cuidado.

Palavras-chave: Maternidade. Ensino Superior. Políticas educacionais. Gênero

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis analyzes the challenges faced by university students who are mothers, investigating how they balance motherhood with academic training and which factors hinder or support their persistence in higher education. This qualitative research, grounded in a bibliographic review, used the SciELO database as the main source for identifying academic publications on motherhood and university life between 2014 and 2024. The findings show that, although the literature on motherhood is extensive, most studies focus on the field of health, with a notable scarcity of research addressing undergraduate education from the perspective of student-mothers. The selected articles reveal challenges such as physical and emotional overload, financial difficulties, lack of institutional support, prejudice, and risk of dropout. The analysis also highlights the importance of social support, family networks, and institutional policies, such as university childcare centers, flexible schedules, and student financial aid, in promoting the academic persistence of these women. It is concluded that student-mothers demonstrate resilience and determination, but their trajectories remain conditioned by multiple inequalities, indicating the urgent need for inclusive educational policies sensitive to the demands of caregiving.

Keywords: Motherhood. Higher Education. Educational Policies. Gender.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como foco as experiências de estudantes que são mães e que, mesmo diante de diversos desafios, buscam concluir a graduação e obter o seu diploma. Para isso, apresentarei as dificuldades enfrentadas por esse grupo específico de mulheres, com base em uma revisão documental. A maternidade é uma experiência profundamente enriquecedora, mas também complexa, afetando de maneira significativa a vida de uma mulher e impactando sua trajetória acadêmica, pessoal e profissional.

Segundo o artigo, maternidade e empoderamento: desafios e conquistas(2024), as mulheres têm desempenhado um papel crucial, ao longo da história, as constantes lutas pelos direitos e também têm conquistado cada vez mais espaço na sociedade atual. Historicamente, o movimento feminista tem lutado para que a maternidade não seja uma barreira ao crescimento pessoal e profissional das mulheres. Também tem promovido a criação de ambientes de trabalho mais inclusivos que compreendem as necessidades das mães, além de defender a divisão equitativa das responsabilidades domésticas entre homens e mulheres. O feminismo tem ajudado a redefinir a maternidade como uma escola poderosa e válida, que não deve ser vista como um obstáculo mas como uma parte integrada da identidade e do empoderamento feminino.

Nesse sentido, justifico minha escolha por esse tema a partir da minha própria vivência. Sou mãe de duas crianças, atualmente gestante, e enfrentei inúmeros desafios ao longo da graduação. Quando ingressei no curso, minha filha tinha apenas um ano. Nos primeiros semestres, a carga horária era integral, consumindo praticamente todo o tempo do meu dia. No ano seguinte, o curso passou a ocorrer no período noturno.

Em 2023, nasceu meu segundo filho. Solicitei licença maternidade e pude realizar as demandas acadêmicas em regime domiciliar, o que foi essencial para a minha permanência no curso. Após esse período, retornei às aulas presenciais. Foi um momento difícil e cansativo: duas crianças pequenas, afazeres domésticos, trabalhos acadêmicos e a necessidade de conciliar todas essas responsabilidades tornavam a rotina extremamente estressante. Ainda assim, contei com o apoio fundamental do meu esposo, que me auxiliou imensamente.

Frequentemente, eu levava meus filhos para me acompanhar na instituição; eles e meu marido aguardavam até o término das aulas. Essa rotina se repetia diariamente. Quando

iniciaram os estágios obrigatórios, contei com a ajuda da minha tia, que cuidava das crianças. Como os estágios eram pela manhã, eu e meus filhos acordávamos antes das seis horas e íamos de bicicleta até a casa dela. Após deixá-los, seguia para o estágio e retornava às onze horas. Assim se sucederam o primeiro, o segundo estágio nos anos iniciais e o terceiro, na Educação Infantil.

Ao ter meu segundo filho, enfrentei também situações de preconceito por parte de alguns colegas, que me julgavam menos capaz. Isso agravou um período já difícil, marcado pela tentativa de conciliar a nova rotina com as exigências acadêmicas. Desenvolvi depressão pós-parto e, em certos momentos, passei a acreditar que meus filhos atrapalhavam meu percurso na graduação. Para compreender e superar esses sentimentos, iniciei acompanhamento psicológico, que foi essencial nesse processo.

Com o apoio constante do meu marido e o amor dos meus filhos, consegui superar essa fase delicada. Compreendi que não havia nenhum problema comigo, com minha maternidade ou com a minha vida; eu apenas enfrentava um momento de grande vulnerabilidade e pressão.

Por isso, considero essencial que familiares, amigos e, sobretudo, as instituições de ensino sejam solidários e ofereçam apoio adequado às estudantes que são mães. A partir da minha experiência, sei o quanto essa caminhada pode ser difícil e muitas acabam desistindo da graduação justamente por não receberem o suporte necessário ao longo dos quatro anos do curso.

Destaco também o Projeto Brinquedoteca presente na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, que desempenha um papel fundamental no apoio às estudantes que são mães e que não têm com quem deixar seus filhos durante os horários de aula. Para participar, basta concorrer ao edital. O Projeto atende crianças de 2 a 10 anos nos períodos da manhã, tarde e noite, oferecendo um espaço lúdico, com variedade de brinquedos e um ambiente acolhedor, pensado para garantir segurança e bem-estar.

Apesar de sua importância, o atendimento não ocorre todos os dias da semana, sendo oferecido apenas duas vezes por semana. Devido a essa limitação, algumas mães acabam não conseguindo utilizar o serviço com regularidade. Ainda assim, o Projeto Brinquedoteca representa uma iniciativa significativa para favorecer a permanência das estudantes na universidade, contribuindo para a construção de condições mais inclusivas ao longo da formação acadêmica.

As mães estudantes enfrentam inúmeros desafios ao longo da graduação. Se para mim, que tive o apoio do meu esposo e da minha tia, o processo já foi extremamente difícil, imagino o quanto é ainda mais árduo para aquelas que não contam com qualquer rede de apoio. Em 2023, no segundo ano da graduação, fui contemplada com o auxílio permanência e o auxílio creche, que foram fundamentais para minha permanência, já que não poderia trabalhar devido às demandas do curso, dos estágios obrigatórios e dos cuidados com os filhos. Embora os auxílios estudantis não supram todas as necessidades das mães estudantes, representam um suporte muito importante para garantir sua continuidade acadêmica.

Conciliar os papéis de mãe e estudante é um desafio enorme, pois as exigências acadêmicas e familiares muitas vezes entram em conflito. Além disso, a falta de apoio dos familiares e o apoio ainda insuficiente por parte das instituições de ensino podem agravar as dificuldades. Muitas estudantes que são mães enfrentam obstáculos como a falta de suporte para cuidar dos filhos, o que pode resultar em faltas e dificuldades de frequência e a falta de apoio financeiro, uma vez que muitas não conseguem trabalhar ou realizar estágios remunerados devido às responsabilidades com os filhos e filhas.

Diante desses desafios, nós, estudantes que somos mães, precisamos lutar e resistir diariamente para alcançar nossos objetivos acadêmicos. É uma jornada marcada por obstáculos, renúncias e muita determinação. No entanto, essa luta não é apenas por nós mesmas, mas também por nossos filhos: pela vontade de aprender, de seguir estudando e de transmitir a eles valores e conhecimentos, fortalecendo um ciclo de crescimento e transformação que beneficia toda a família.

Consideramos importante justificar a relevância social desta pesquisa, pois evidencia uma realidade frequentemente invisibilizada nas instituições de ensino superior: a presença de mulheres que conciliam sua formação acadêmica com as responsabilidades do cuidado materno. Ou seja, a maternidade ainda é atravessada por desigualdades estruturais que impactam fortemente a trajetória acadêmica das mulheres.

A partir da leitura dos artigos, pude constatar que pesquisas indicam que estudantes que são mães enfrentam maiores riscos de evasão, atrasos na conclusão do curso, exaustão emocional e experiências de preconceito no ambiente acadêmico. Essas dificuldades se intensificam diante da ausência de políticas institucionais de apoio, como espaços de acolhimento infantil. A universidade, enquanto espaço formativo que produz conhecimento,

tem responsabilidade em reconhecer esse público e garantir condições igualitárias de permanência.

Nesse sentido, debater a maternidade no ensino superior torna-se fundamental para promover visibilidade às estudantes mães, combater estigmas e fomentar a implementação de práticas institucionais mais inclusivas. Além disso, trata-se de um tema que dialoga com princípios constitucionais de equidade, direito à educação e promoção da dignidade humana (BRASIL, 1988). Essa pesquisa tem o intuito de contribuir para o fortalecimento de políticas de permanência estudantil com recorte de gênero e cuidado, destacando a urgência de ações estruturais que viabilizem o percurso acadêmico dessas mulheres.

E, por fim, justifico a relevância acadêmica do estudo diante da pesquisa realizada, que demonstra a ausência de artigos científicos que apontem de forma aprofundada as vivências, desafios e estratégias de permanência de estudantes mães na graduação, especialmente no contexto das universidades públicas brasileiras. Tal lacuna evidencia a necessidade de produção de conhecimentos que olhe de forma sensível para este grupo e que contribua para que se desenvolva políticas institucionais que visem a igualdade de direitos.

Para tal, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa: O que vem sendo discutido, na base SciELO, acerca dos desafios enfrentados por estudantes que são mães no Ensino Superior?

Como objetivos desta investigação, propomos:

- Identificar os principais artigos disponíveis na base SciELO que abordam a temática;
- Compreender os desafios enfrentados por mães estudantes no contexto do Ensino Superior;
- Analisar nas publicações os aspectos relacionados às denúncias de dificuldades e aos anúncios de possibilidades presentes nas experiências dessas mulheres.

bell hooks: suas contribuições para pensar a formação humana de estudante mães

A reflexão sobre a maternidade no Ensino Superior e os desafios enfrentados por estudantes que conciliam o cuidado com o (as) filhos (as) e as demandas acadêmicas encontra aparato nas obras de bell hooks, autora que dedicou sua trajetória intelectual a discutir educação emancipadora, luta das mulheres negras, amor, cuidado e a criticidade na formação. Suas análises sobre gênero, classe e raça fornecem elementos fundamentais para compreender como a maternidade é experimentada de forma desigual por muitas mulheres.

Para bell hooks (2000), as mulheres vivem sob um sistema patriarcal que distribui social e culturalmente o trabalho do cuidado quase exclusivamente a elas, reforçando a ideia de que a maternidade deve ser vivida como vocação natural e não como uma construção social. Isso cria expectativas rígidas que, quando confrontadas com a busca pela educação e pela autonomia intelectual, geram tensões, cobranças e sentimento de culpa, elementos que podem estar presentes nas vivências de muitas estudantes que são mães.

A perspectiva de hooks reforça que a desigualdade de gênero não é vivida isoladamente, mas em intersecção com marcadores como classe e raça. Em *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade*, a autora discute como a educação pode ser um espaço de libertação e ruptura, mas também de reprodução de desigualdades. Assim, mulheres pobres, mães solo, negras ou periféricas enfrentam barreiras adicionais, tanto emocionais quanto materiais. O fato de estudantes mães terem maiores índices de evasão, dificuldade de permanência e experiências de discriminação reflete o que hooks denomina de “violências estruturais” (hooks, 1984), aquelas que, naturalizadas no cotidiano, restringem o acesso à liberdade intelectual e ao direito à educação.

Outro conceito fundamental para essa discussão é o de comunidades que se baseiam em cuidados entre muitas pessoas e instituições, amplamente desenvolvido por hooks (2000; 2001). Para ela, a prática educativa verdadeiramente transformadora exige ambientes de cuidado mútuo, responsabilidade coletiva e reconhecimento das vulnerabilidades humanas. A ausência de políticas institucionais de acolhimento às estudantes que são mães revela a falta desse compromisso comunitário dentro das universidades.

Além disso, bell hooks compreende o amor como uma ética social e pedagógica que envolve compromisso, escuta e respeito (hooks, 2001). Aplicada ao contexto universitário, essa ética pode implicar reconhecer que estudantes não vivenciam a formação acadêmica de

forma homogênea. As mães estudantes, carregando responsabilidades ampliadas, precisam de condições institucionais que colaborem para o sucesso acadêmico.

Por essa perspectiva, a maternidade no Ensino Superior deve ser compreendida não como obstáculo individual, mas como fenômeno social que revela o quanto a luta por igualdade deve estar presente em todos os espaços. A luta dessas mulheres por permanência acadêmica dialoga diretamente com o que a autora compreende como práticas de resistência cotidiana, que são formas de enfrentar condições de desigualdade, não para sobreviver apenas, mas para transformar a própria vida e a vida de seus filhos e filhas.

Assim, a fundamentação teórica inspirada em bell hooks nos permite compreender que a presença de estudantes que são mães na graduação é um ato político de resistência contra estruturas que historicamente relegaram as mulheres ao espaço doméstico. Reconhecer essa luta significa defender uma educação que, como propõe hooks, seja verdadeiramente engajada, democrática, inclusiva e capaz de acolher a diversidade das experiências humanas.

Para hooks (2020), o amor é uma força ética, política e transformadora, capaz de sustentar processos de emancipação. A autora afirma que *“quando trabalhamos com amor, renovamos nosso espírito; essa renovação é um ato de amor-próprio que alimenta nosso crescimento”* (HOOKS, 2020, p. 89). Essa reflexão é profundamente pertinente às trajetórias de estudantes que são mães, pois evidencia a necessidade de que cultivem o amor próprio como prática de cuidado e como estratégia de sobrevivência diante das múltiplas pressões que enfrentam. As mães e estudantes ao reconhecerem o valor de cuidar de si, reafirmam sua existência como sujeitos de desejo, direito e dignidade, algo central na educação transformadora defendida pela autora.

Outra afirmação significativa da autora é que *“se você não se ama, não poderá amar mais ninguém”* (hooks, 2020, p. 90). Essa ideia reforça a importância de práticas de autocuidado para enfrentar o cansaço, o preconceito e o sentimento de inadequação que frequentemente atravessam as experiências das mães universitárias. Aqui, o amor aparece como força que possibilita a continuidade dos estudos e a realização de projetos de vida, mesmo diante das adversidades. Nas palavras da ativista feminista:

"O amor redime. Apesar de todo o desamor que nos cerca, nada tem sido capaz de bloquear nosso desejo pelo amor. A intensidade do nosso anseio, a compreensão de que o amor redime, parece ser um aspecto resiliente do saber do coração". (p. 206)

Tal perspectiva ajuda a compreender por que tantas mães persistem na universidade: porque acreditam na educação como caminho de transformação pessoal, familiar e social. A presença dos (as) filhos (as), longe de ser um obstáculo, pode ser motor de esperança e motivação.

Neste contexto, destaco a ideia de resiliência, compreendida como a capacidade de enfrentar adversidades e reconstruir-se diante das dificuldades. A resiliência, segundo o Center on the Developing Child de Harvard, não é uma característica individual inata, mas um processo dinâmico que envolve a interação entre fatores internos e externos. Ela emerge quando crianças, jovens ou adultos conseguem enfrentar adversidades significativas e, ainda assim, desenvolver habilidades adaptativas. Para a instituição, fatores como relações de apoio com adultos de confiança, o desenvolvimento de habilidades de autorregulação e o fortalecimento de um senso de competência são elementos centrais para promover respostas resilientes. Assim, a resiliência resulta de uma combinação entre as capacidades pessoais e as condições ambientais que possibilitam bem-estar, segurança emocional e oportunidades de aprendizagem.

Além disso, pesquisas desenvolvidas neste centro destacam que a resiliência é construída ao longo do tempo, sendo influenciada pela qualidade das experiências de vida e pela presença de contextos protetores. Nesse sentido, políticas públicas, suporte comunitário e redes de apoio familiar podem diminuir a exposição ao estresse tóxico, entendido como um estresse intenso e prolongado sem proteção adequada, permitindo que indivíduos desenvolvam respostas saudáveis mesmo diante de desafios extremos. Dessa forma, a promoção da resiliência exige não apenas intervenções individuais, mas também ações estruturais capazes de fortalecer ambientes, reduzir vulnerabilidades e ampliar recursos sociais, emocionais e institucionais.

Por fim, destaco que a partir das contribuições de hooks, e o conceito de resiliência a pesquisa evidencia que as dificuldades enfrentadas por essas mulheres não são individuais, mas estruturais e, portanto, exigem respostas coletivas.

Caminho metodológico percorrido

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada na revisão de literatura sobre a temática da maternidade no Ensino Superior. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa possibilita a compreensão de processos, significados e experiências, sendo fundamental para interpretar o comportamento humano e os modos pelos quais os sujeitos constroem e atribuem sentidos às suas vivências.

A presente pesquisa utiliza o estudo bibliográfico como procedimento metodológico. Segundo Lima e Miotto (2007), esse tipo de investigação constitui-se em um conjunto sistemático de procedimentos orientados para a busca de soluções coerentes com o objeto de estudo, e não pode ocorrer de maneira aleatória. Com base nessas autoras, o processo metodológico foi estruturado em quatro etapas inter-relacionadas:

1. **Elaboração do projeto de pesquisa**, com definição do tema, delimitação do problema e planejamento das estratégias de investigação;
2. **Investigação das fontes**, com a coleta, seleção e levantamento de materiais bibliográficos pertinentes;
3. **Análise interpretativa**, momento em que os dados são examinados criticamente e relacionados ao objeto de estudo;
4. **Síntese Integradora**, fase em que são apresentadas as conclusões resultantes do processo investigativo.

Na Fase 1, definiu-se o tema maternidade e graduação e realizou-se uma revisão documental preliminar. Foram identificadas dificuldades recorrentes enfrentadas por estudantes-mães, tais como a conciliação entre maternidade e estudos, a necessidade de assistência financeira para permanência no curso e a ausência de creches em período integral. Esses elementos orientaram a formulação das estratégias de investigação.

Na Fase 2, procedeu-se à busca de artigos na base SciELO, selecionando produções relevantes ao objeto de estudo, conforme Anexo I. Os textos foram lidos, analisados e organizados de modo a compor o referencial teórico da pesquisa.

Na Fase 3, com base na literatura consultada, desenvolveu-se uma análise crítica a respeito das produções sobre os desafios e as estratégias de superação vivenciadas por estudantes que são mães no Ensino Superior. Verificou-se a importância do apoio familiar, comunitário e institucional, além da necessidade de políticas específicas, como creches em período integral que garantam a permanência dessas estudantes.

Na Fase 4, constatou-se que, apesar das dificuldades, as estudantes-mães demonstram resiliência e determinação para concluir a graduação. Ressalta-se a relevância de ações institucionais, como horários acadêmicos flexíveis, oferta de creches universitárias e fortalecimento das redes de apoio, fundamentais para reduzir a evasão e assegurar a permanência dessas estudantes no Ensino Superior.

As pesquisas foram realizadas no portal SciELO (Scientific Electronic Library Online), utilizando palavras-chave específicas para localizar estudos que abordassem o tema. Em um primeiro momento, inseriram-se os descritores “maternidade ensino superior” no campo de busca da plataforma, o que resultou em 13 artigos publicados nos últimos dez anos, dos quais apenas 3 apresentaram relevância direta para o tema em estudo.

Os estudos analisados entre 2014 e 2024 abrangem predominantemente a área da saúde, destacando fatores que influenciam o ciclo gestacional, o cuidado materno e o desenvolvimento de bebês e gestantes. Entre os temas identificados, encontram-se pesquisas sobre fatores socioeconômicos, condições da gestação e características do parto relacionadas ao padrão alimentar de bebês nascidos a termo no sexto mês de vida. Outros trabalhos exploram a associação entre apoio social recebido pelas mães e características sociodemográficas e clínicas, evidenciando a importância das redes de suporte para a saúde materno-infantil.

A literatura pesquisada também reúne estudos que apontam a influência da escolaridade materna e da renda familiar no desenvolvimento motor de lactentes, reforçando o papel dos determinantes sociais da saúde. Foram encontrados ainda trabalhos que discutem o exercício da docência no ensino superior, especialmente no que se refere às relações de gênero, às políticas de avaliação e às condições de saúde dos professores.

Ainda no campo da saúde, destacam-se investigações sobre a frequência e natureza de problemas relacionados a medicamentos em neonatos cardiopatas internados em unidades de terapia intensiva. Outro estudo examina a implementação do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) em uma maternidade pública de João Pessoa (PB), analisando seus efeitos na formação e prática profissional. Há também pesquisas que descrevem o perfil clínico e epidemiológico de gestantes atendidas em serviços de pré-natal de alto risco, como em uma maternidade pública de Rio Branco (AC), além de estudos que investigam a prevalência de partos na água em Santa Catarina e suas variáveis sociodemográficas e obstétricas.

Complementarmente, foram localizados trabalhos que analisam a recorrência da gravidez na adolescência e os fatores associados ao fenômeno, bem como pesquisas que buscam compreender as vivências de gestoras que atuam em instituições de ensino superior, evidenciando articulações entre gênero, trabalho e gestão acadêmica.

Os três artigos diretamente associados à temática desta pesquisa abordam os enfrentamentos e desafios vivenciados por estudantes que são mães, especialmente no esforço de conciliar os papéis maternos com as exigências da vida acadêmica, a falta de apoio institucional e o preconceito enfrentado no ambiente universitário.

O artigo identificado foi “Fatores que impedem que as mulheres acadêmicas obtenham pós-graduação” Ortega, Ortega e Ortega (2024), publicado na Revista Cadernos de Pesquisa em 2024. Embora voltado à pós-graduação, o estudo evidencia dificuldades enfrentadas por universitárias, tais como: limitações econômicas para financiar a continuidade dos estudos, os desafios da maternidade e da criação dos filhos, bem como a restrição do tempo disponível.

Outro artigo selecionado foi “Docência em Educação Física e maternidades: construindo outras inter-relações” Bins et al. (2023), publicado na Revista Movimento em 2023. O texto analisa a maternidade e os modos de viver essa experiência, discutindo seus impactos e as formas pelas quais tais vivências são influenciadas e ressignificadas no contexto docente.

E por fim, o artigo relevante foi “Transição para a maternidade na trajetória acadêmica: estratégias de reparação do self e de resistência no campo social de jovens universitárias” Pontes et al. (2022), publicado na Revista Estudos de Psicologia (Campinas) em 2022. A pesquisa examina as estratégias de reparação dinâmica do self e de resistência

desenvolvidas por jovens universitárias que engravidam inesperadamente durante sua trajetória acadêmica, destacando a falta de apoio, às dificuldades em conciliar múltiplas demandas e os riscos à saúde mental.

Posteriormente, realizou-se uma nova busca utilizando os descritores “mães graduação”, a qual resultou em oito publicações. Entretanto, apenas duas delas apresentaram pertinência direta ao objeto desta pesquisa.

O artigo “Percepções de danos físicos, psíquicos e sociais no trabalho de ser mãe universitária”, de Antloga et al. (2023), publicado na Revista Psicologia: Ciência e Profissão, investiga como a experiência de mulheres que conciliam a maternidade com a vida acadêmica difere daquela vivida por estudantes que não são mães. A pesquisa analisa os impactos físicos, psicológicos e sociais enfrentados por mães universitárias com filhos de até cinco anos, evidenciando que a sobrecarga decorrente do cuidado cotidiano, das tarefas domésticas e das demandas acadêmicas configura um cenário de vulnerabilidade. O estudo destaca que a ausência de suporte, seja familiar, institucional ou financeiro intensifica esses danos; por outro lado, quando as estudantes contam com a presença de um companheiro ou dispõem de melhores condições socioeconômicas, tendem a apresentar níveis menores de desgaste emocional e social.

O artigo “ Maternidade, paternidade e vida acadêmica: impactos e percepções de mães e pais estudantes de medicina” Brito et al. (2021), publicado na Revista Brasileira de Educação Médica em 2021. O estudo tem como objetivo avaliar o impacto da maternidade/paternidade no rendimento acadêmico de estudantes de medicina, e analisar as principais percepções, motivações e desafios deles durante a formação médica.

Embora o artigo seja da área de medicina ressaltam os desafios dos estudantes com filhos durante a graduação, mas apesar de relatarem as limitações não se arrependem de suas escolhas pessoais, e têm orgulho de exercer dupla função. Apresentam rendimento acadêmico semelhante as estudantes sem filhos, apesar de acreditarem que a maternidade/paternidade comprometem o seu rendimento acadêmico, e destacam que é essencial a rede de apoio para realizar as atividades acadêmicas e a uniformidade dessas percepções entre variáveis como sexo, estado civil e ciclo acadêmico.

Os demais artigos, publicados entre 2018 e 2024, abordam temáticas diversas, como a área da saúde, educação e políticas da instituição. Tais artigos abordam mais a questão de políticas institucionais como: análises sobre a expansão e reestruturação das universidades

federais no Brasil e seus impactos no perfil dos estudantes de Psicologia; efeitos das políticas educacionais implementadas durante os governos do Partido dos Trabalhadores (2003–2016), sobre o acesso e a permanência no ensino superior; além do papel de mães com baixa escolaridade no apoio à trajetória acadêmica de suas filhas. Foram identificados, ainda, relatos de experiências de mães ou cuidadoras de crianças com microcefalia e estudos que destacam a importância do vínculo entre mãe e bebê no período pós-parto, considerando sua relevância para a saúde física e psicológica de ambos.

Por fim, realizou-se uma última busca na base SciELO utilizando as palavras-chave “maternidade universidade”. Nessa etapa, foram identificados dezoito artigos, publicados entre 2014 e 2024. Desses dezoito, dois já haviam sido analisados em pesquisa anterior na própria base SciELO, e apenas um apresentou relação direta com o tema investigado.

O artigo de Silva e Guedes (2020), intitulado “Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública” publicado na revista *Katálisis*, analisa a relação entre maternidade e vida acadêmica, destacando os principais desafios enfrentados pelas participantes para dar continuidade à sua formação universitária. As autoras discutem tanto as dificuldades quanto às estratégias e possibilidades encontradas pelas estudantes, evidenciando o quanto é complexo conciliar, simultaneamente, os papéis de mãe e de estudante. Ainda que aborde a realidade difícil das estudantes que são mães, o estudo também apresenta as possibilidades de luta e mobilização no mundo virtual, articulando redes sociais presenciais e redes sociais digitais como espaços de resistência e apoio.

Os artigos identificados na busca que não têm relação direta com o tema desta pesquisa abarcam uma diversidade de reflexões nas áreas de saúde, educação e ciências sociais. Entre os temas levantados estão estudos sobre saúde materno-infantil e atenção ao parto, desfechos gestacionais associados a morbidade materna severa por síndromes hipertensivas, ansiedade em gestantes de alto risco, e análise de práticas do psicólogo em gestações de risco. Há também investigações clínicas e de prevenção, como protocolos relativos a tromboembolismo venoso após abdominoplastias, medidas de crescimento placentário em relação ao peso ao nascer, e fatores de risco para episiotomia em partos vaginais.

Além disso, destaco artigos que abordam: questões de educação básica em Moçambique; os impactos do contexto pandêmico nas relações sociais e na realidade educacional; desigualdades de gênero em cursos de engenharia em universidade pública;

percepções e significados da maternidade entre mulheres de alta escolaridade; e a construção de grupos de gestantes/casais grávidos na UFSC (1996–2016). Completa o conjunto pesquisas sobre violência e maternidade (análise histórica do crime de infanticídio), e investigações sobre práticas profissionais na maternidade hospitalar (estratégias de enfermeiras assistenciais e docentes para melhor inserção), evidenciando a amplitude temática encontrada, ainda que não diretamente vinculada ao recorte desta pesquisa.

Assim, apenas um artigo desta última busca se mostrou diretamente pertinente ao objeto da presente pesquisa, enquanto os demais, embora relevantes em seus respectivos campos, não abordaram a temática das estudantes-mães no Ensino Superior.

Esses resultados evidenciam que, no período analisado, a produção científica relacionada à maternidade esteve majoritariamente concentrada na área da saúde, revelando um campo consolidado e amplamente investigado. Em contraste, observa-se uma carência significativa de estudos voltados especificamente à educação, especialmente no que diz respeito às experiências, desafios e permanência de estudantes-mães no ensino superior. Essa discrepância aponta para a necessidade urgente de ampliação das pesquisas na área educacional, a fim de compreender de maneira mais profunda as dinâmicas, tensões e desigualdades que atravessam a trajetória acadêmica dessas mulheres, bem como subsidiar políticas institucionais mais inclusivas e sensíveis às demandas desse grupo.

Principais discussões

A maternidade é uma experiência intensa, enriquecedora, mas também profundamente desafiadora, especialmente para mulheres que desejam cursar uma graduação. Concilia-se, simultaneamente, responsabilidades familiares, demandas acadêmicas e desafios emocionais. Essa sobreposição de papéis impacta diretamente a permanência e o desempenho acadêmico das estudantes, sendo atravessada por desigualdades sociais, falta de políticas institucionais adequadas e padrões culturais que ainda atribuem às mulheres a responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado.

A partir dos artigos analisados, foi possível identificar as dificuldades mais recorrentes enfrentadas pelas estudantes que são mães, como sobrecarga de tarefas, falta de apoio acadêmico e familiar, preconceito e escassez de políticas de permanência adequadas. Ao mesmo tempo, destaca-se estratégias de superação adotadas por essas mulheres, marcadas por persistência, organização, apoio emocional, comunitário e institucional.

O estudo de Antloga et al. (2023) evidencia danos físicos, psicológicos e sociais vivenciados por estudantes-mães com filhos pequenos, indicando que o acúmulo dos papéis de mãe e estudante gera desgaste emocional e físico. A rotina exaustiva, somada à falta de apoio e à incompreensão de colegas e professores, potencializa sentimentos de culpa, isolamento e insegurança, tornando ainda mais árdua a tarefa de permanecer na graduação.

Pontes et al. (2022) analisam a experiência de universitárias que engravidaram de forma não planejada durante o curso. O estudo mostra que a maternidade inesperada, somada ao pouco apoio institucional e a conflitos internos relacionados à identidade, autoestima e pertencimento acadêmico, tornam essa fase delicada e desafiadora. Muitas estudantes relataram dificuldades para acompanhar o ritmo dos estudos, cumprir prazos e participar de atividades, o que compromete sua permanência.

Ortega, Ortega e Ortega (2024), embora investiguem o contexto da pós-graduação, reforçam questões igualmente válidas para a graduação: falta de políticas públicas e educacionais, escassez de creches em período integral e pouco tempo disponível para conciliar cuidado infantil e vida acadêmica. Essas barreiras, compartilhadas pelas estudantes-mães de diferentes níveis de ensino, revelam a urgência de suporte institucional estruturado.

Bins et al. (2023), ao analisarem mulheres que são mães na Educação Física, mostram que os impactos da maternidade atravessam não apenas o Ensino Superior, mas também a prática profissional. A maternidade desejada ou inesperada transforma profundamente a vida das mulheres, e seus efeitos são sentidos tanto na rotina doméstica quanto na acadêmica e no trabalho. O estudo revela que o preconceito não afeta apenas estudantes que são mães, mas também professoras e pesquisadoras, evidenciando como a maternidade ainda é vista como obstáculo ao desempenho acadêmico e profissional.

Em meio aos desafios, as estudantes que são mães desenvolvem estratégias para equilibrar trabalho doméstico, cuidado dos filhos e atividades acadêmicas. A literatura aponta persistência, apoio familiar, redes comunitárias, organização do tempo e políticas institucionais como elementos fundamentais para sua permanência. Brito et al. (2021) mostram que, apesar das limitações impostas pela maternidade ou paternidade, muitos estudantes com filhos afirmam não se arrepender, sentem orgulho de sua trajetória e se consideram tão capazes quanto estudantes sem filhos, embora reconheçam a sobrecarga.

Importante destacar que algumas estudantes não conseguem permanecer na graduação devido à falta de condições financeiras, ausência de apoio familiar, incompatibilidade de horários e ausência de creches universitárias. Embora existam políticas de assistência estudantil, como auxílio permanência, auxílio creche e brinquedotecas, elas não são suficientes para suprir as necessidades de quem cuida de crianças pequenas e estuda em período integral.

A Lei 14.914/2024, que institui a Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), e a Lei 6.202/1975, que garante o regime domiciliar às gestantes a partir do oitavo mês, representam avanços importantes. No entanto, apesar de essenciais, muitas dessas medidas ainda não atendem integralmente às demandas das estudantes que são mães. As creches universitárias em período integral, por exemplo, continuam escassas em grande parte do país, o que inviabiliza a frequência regular às aulas e atividades obrigatórias.

A ausência de redes de apoio formais e informais agrava ainda mais a situação destas estudantes, especialmente daquelas que criam seus filhos sozinhas. Sem suporte familiar e com recursos financeiros limitados, essas mulheres enfrentam dificuldades severas para manter a frequência, cumprir prazos acadêmicos e realizar atividades extracurriculares, o que aumenta o risco de evasão.

Diante desse cenário, destaca-se a urgência de políticas públicas e institucionais robustas, que incluam creches em período integral, flexibilização de horários, programas de apoio psicossocial, ampliação de auxílios estudantis e reconhecimento explícito das necessidades das estudantes mães. A construção de espaços acadêmicos mais acolhedores, justos e inclusivos depende, sobretudo, do reconhecimento dessas mulheres como sujeitas de direito, cuja permanência e formação qualificam não apenas suas vidas individuais, mas também suas famílias e toda a sociedade.

Conclusões

A análise realizada permitiu compreender que a maternidade, quando vivenciada durante a graduação, revela um conjunto amplo de desafios que ultrapassam as vivências pessoais, envolve instituições que historicamente invisibilizam as mulheres que conciliam maternidade e formação acadêmica. A revisão documental mostrou que, embora haja produções científicas sobre maternidade e saúde, ainda é escassa a literatura que discute de maneira aprofundada as experiências, obstáculos e estratégias de permanência de estudantes que são mães no Ensino Superior brasileiro. Esses dados revelam a necessidade urgente de reconhecer esse grupo dentro das políticas acadêmicas e das pesquisas educacionais.

Os estudos analisados evidenciam que estudantes que são mães vivenciam sobrecarga física e emocional, muitas passam por dificuldades financeiras, ausência de políticas institucionais de apoio, estigmas e preconceitos que atravessam sua permanência na universidade. Além disso, enfrentar a maternidade em um contexto marcado pela falta de apoio de forma integral, com redes de apoio insuficientes e auxílios estudantis ainda limitados amplia os riscos de evasão, adoecimento e atraso na conclusão do curso. Os relatos encontrados na literatura, bem como minha experiência pessoal me motivaram a este estudo, mostraram que a permanência dessas mulheres depende fortemente de fatores como suporte familiar, acolhimento institucional, condições socioeconômicas e, sobretudo, resistência, determinação e resiliência.

A análise dos artigos também demonstrou que grande parte da produção científica concentra-se no campo da saúde, enquanto reflexões profundas no campo educacional, especialmente sobre políticas de permanência, práticas de acolhimento e promoção de equidade, são raras. Os artigos da área da educação tendem a denunciar as desigualdades, mas raramente anunciam caminhos concretos para transformar essa realidade. Isso revela uma lacuna importante para pesquisas futuras, que precisam avançar na proposição de soluções, orientações institucionais e práticas pedagógicas que incluam a maternidade como uma experiência legítima dentro do percurso acadêmico nas universidades públicas.

Por fim, este estudo reafirma que a maternidade não deve ser entendida como impedimento para a formação acadêmica, mas como uma dimensão da vida que precisa ser respeitada, acolhida e considerada pelas políticas de Ensino Superior. Assim, espera-se que

esta pesquisa contribua para fortalecer debates, inspirar políticas e estimular novas pesquisas que englobem a questão das estudantes que são mães em contextos universitários.

REFERÊNCIAS

ANTLOGA, C. S. et al. Percepção de danos físicos, psíquicos e sociais no trabalho de ser mãe universitária. **Psicologia: Ciência e profissão**, v 43, 2023. elocation e253141

DOI:<https://doi.org/10.1590/1982-3703003253141>

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora, 1994.

BRASIL. **LEI nº 6.202, de 17 de abril de 1975**. Atribui à estudante em estado de gestação o regime o exercício de regime domiciliares instituído pelo decreto- Lei nº 1.044, de 1969. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6202-17-abril-1975-357541-publicacaooriginal-1-pl.html>.

BRASIL, **Lei nº 14.914, de julho de 2024**. Institui a Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14914.htm.

BINS, G. N. et al. Docência em Educação Física e maternidades: Construindo outras inter-relações. **Revista Movimento**, v 29, 2023. elocation e29006

DOI:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.124530>

BAUM, L. R. et al. A importância do pré e pós- natal odontológico para o incentivo e apoio ao aleitamento materno. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v 34, 2024. elocation e34089

DOI:<https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434089pt>

BRITO, Q. H. F. et al. Maternidade, paternidade e vida acadêmica: impactos e percepções de mães e pais estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v 45, nº 4, 2021. elocation e233 DOI:<https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.4-20210309>

BALDISSEROTTO, M. L. et al. Transcultural adaptation to the Brazilian Portuguese of the postpartum Bonding Questionnaire for assessing the postpartum Bond between mother and baby. **Cadernos de saúde pública**, v 34, nº 7, 2018. elocation e00170717

DOI:<https://doi.org/10.1590/0102-311X00170717>

BRAGA, G. C. et al. Risk factors for episiotomy: a case-control study. **Revista da Associação Médica Brasileira**, nº 05, v 60, p. 465- 472, 2014

DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.60.05.015>

CARVALHO, F. F. et al. Apoio social entre puérperas de risco: associação com características sociodemográficas e clínicas. **Cogitare enfermagem**, v. 29, 2024. elocation e91561

DOI:<https://doi.org/10.1590/ce.v29i0.91561>.

CUNHA, A. C. B. et al. Impacto da microcefalia no vínculo mãe- bebê e suas repercussões para o desenvolvimento infantil. **Psicologia USP**, v 33, 2022. elocation e190098.

DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190098>

GOMES, S. R. M. et al. Fatores relacionados ao desmame precoce em bebês nascidos a termo em uma maternidade pública. **Revista Codas**, v. 36, n 5, 2024. elocation e20240030
DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20242024030pt>

GARCIA, S. O. et al. Integração ensino-serviço: experiência potencializada pelo Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde- Eixo Educação permanente. **Interface- Comunicação, Saúde Materno Infantil**, v 23, 2019. elocation e180540
DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.180540>

GRANDI, C. et al. Placental Growth Measures in relation to Birth Weight in a latin American population. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, nº 08, v 38, p. 373- 380, 2016.
DOI: <https://doi.org/10.1055/s-0036-1586721>

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Nova York: Morrow, Editora Elefante, São Paulo, 2000.

HOOKS, B. **Teoria feminista: Da Margem ao Centro**. Rio. Nova York: Morrow, 1984.

HOOKS, B.. **Salvação: Pessoas negras e o amor**. Nova York: Morrow, 2001.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática**. Editora Elefante, p. 89, p. 90, p. 206, 2020.

JUSTINO, T. A.; VARONI, A. C. C.; DUZ, G. L. Tromboembolismo venoso (TEV) em abdominoplastias: um protocolo de prevenção. **Revista Brasileira de cirurgia plástica**, nº 1, v 26, p. 33-38, 2018.
DOI: <https://doi.org/10.5935/2177-1235.2018RBCP0006>

LIMA, T. C. S. e MIOTO, R. C. T. **Procedimentos Metodológicos na Construção do Conhecimento Científico**. 2007.

LAMEIRA, A. B. C. et al. Influência de determinantes socioeconômicos no desenvolvimento motor de lactentes acompanhados por programa de follow- up em Manaus, Amazonas. **Saúde em debate**, v 46, Nº spe 5, p. 104-113, 2022.
DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E509>

LEITE, R. B. et al. Access to childbirth care services in the interior of Pernambuco, Northeast region of Brasil. **Revista de saúde pública**, v 57, 2023. elocation 7
DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004335>

LADINO, G. L. M. et al. Intervenções psicológicas necessárias: A prática como residente no serviço de Medicina Fetal. **Psicologia: Ciência e profissão**, v 43, 2023. elocation e244244
DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244244>

LOCH, R. M. B.; TORRES, K. B. V.; COSTA, C. R. Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia. **Revista estudos feministas**, nº 1, v 29, 2021. elocation e61470.

DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n161470>

MESSIAS, J. C. C. et al. I am a professor; I am a manager: women leaders in higher education institution. **PSICO-USF**, v 29, 2024. elocation e270538

DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-8271202429e270538>

MACEDO, J. P. et al. Impactos dos programas de expansão das universidades federais no perfil de estudantes de psicologia. **Psicologia: Ciência e profissão**, v 42, 2022. elocation e230895

DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003230895>

MACEDO, J. P.; REIS, S. T.; Políticas educacionais dos governos PT (2003-2016): impacto no perfil dos graduandos em psicologia. **Educação em revista**, v 37, 2021. elocation e234389 DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698234389>

MARQUES, T. G.; TEIXEIRA, A. B. M.; GONÇALVES, L. A. O.; As mães poucos escolarizadas como suporte para jovens da roça terem acesso e permanecerem no ensino superior. **Educação em revista**, v 36, 2020. elocation e203268

DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698203268>

MARQUINI, G. V. et al. Preoperative fasting abbreviation and its Effects on postoperative Náusea and vomiting incidence in gynecological surgery Patients. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, n° 8, v 42, p. 468-475, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.1055/s-0040-1712994>

Maternidade e empoderamento feminino: desafios e conquistas. Disponível em: <https://meufraldario.com.br/maternidade-e-empoderamento-feminino-desafios-e-conquistas/>

NASCIMENTO, A. R. F. et al. Drug- related problems in cardiac neonates under intensive care. **Revista Paulista de Pediatria**, v 38, 2020. elocation e2018134

DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018134>

ORTEGA, A. F.; ORTEGA, E. F.; ORTEGA, E. F. Factores que dificultan lá obtención de posgrado a Las mujeres académicas. **Cadernos de Pesquisa**, v 54, 2024. elocation e10605

DOI: <https://doi.org/10.1590/1980531410605>

PONTES, V. V. et al. Transição para a maternidade na trajetória acadêmica: estratégia de separação dinâmica do self e de resistência no campo social de jovens universitárias. **Estudo de Psicologia**, (Campinas). v 39, 2022. elocation e200190

DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200190>

PAZ, M. M. S. et al. Analysis of the anxiety level in high risk pregnancy based on the Beck anxiety inventory. **Revista Brasileira de saúde materno infantil**, n° 4, v 22, p. 1015-1023, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9304202200040016>

PINHEIRO, D. L. F. L.; FEITOSA, F. E. L.; JÚNIOR, E. A.; CARVALHO, F. H. C. Gestational Outcomes in Patients with severe Maternal Morbidity Caused by Hypertensive Syndromes. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, n° 02, v 42, p. 74-80, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.1055/s-0040-1701464>

PINHEIRO, V. O infanticídio como expressão da violência e negação do mito do amor materno. **Revista estudos feministas**, nº01, v 26, 2018. elocation e41476

DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n141476>

PONTES, M. B.; SANTOS, T. C. F.; PERES, M. A. A.; FILHO, A. A. J. The maternity ward of a teaching hospital: reconfiguration of maternal-child nursing Care. **Revista Brasileira de Enfermagem**, nº 03, v 71, p. 1265- 1272, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0585>

SOUZA, K. R. et al. Trabalho docente, desigualdades de gênero e saúde em universidade pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v 26, nº12 p. 5925- 5934, 2021.

DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212612.13852021>

SAMPAIO, A. F. S.; ROCHA, M. J. F.; LEAL, E. A. S.; High-risk pregnancy: Clinical-epidemiological profile of pregnant women attended até the pré-natal service of the Public Maternidade Hospital of Rio Branco, Acre. **Revista Brasileira de saúde materno infantil**, v 18, nº 3, p. 559-566, 2018.

DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93042018000300007>

SCHEIDT, T. R.; BRÜGGEMANN, O. M.; Water Birth in a Maternity hospital of the supplementary health sector in Santa Catarina, Brasil: A cross- sectional study. **Texto & contexto- Enfermagem**, v 25, nº 2, 2016. elocation e02180015

DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072016002180015>

SANTOS, D. B. C. et al. Sensibilização das mães de crianças com microcefalia na promoção da saúde de seus filhos. **Revista da escola de enfermagem da USP**, v 53, 2019. elocation e03491

DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018022903491>

SILVA, M. C. R. F.; GUEDES, C. Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública. **Revista katálysis**, v 23, nº 3, p.470-479, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p470>

SIMÃO, A. B.; COUTINHO, R. Z.; GUEDES, G. R. Desejo por filhos entre mulheres de Alta escolaridade: conflitos, mudanças e permanências. **Revista Brasileira de estudos de população**, v 37, 2020. elocation e0123

DOI: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0123>

TEIXEIRA, A. G.; GONÇALVES, A. C. P.; NANDJA, A. J.; Educação remota no contexto da COVID 19 em Moçambique: um olhar sobre as condições de acesso. **Educação em Revista**, v 40, 2024. elocation e40424

DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469840424>

VIELLAS, E. F. et al. Gravidez recorrente na adolescência e os desfechos negativos no recém-nascido: um estudo no Município do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v 15, nº3 p. 443-454, 2012.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2012000300001>

VIEIRA, A. N. et al. Group of pregnant women and/ or pregnant couples: a collective construction process (1996-2017). **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, nº 02, v 23, 2019. elocation e20180221

DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0221>

WALCZAK, A. T.; SILVA, F. F.; Pandemia, maternidade e ciência: Experiências e reflexões de cientistas mães da universidade federal do Pampa. **Educação em Revista**, v 40, 2024. elocation e42213

DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469842213>